



tomie ohtake

nas pontas dos dedos

galeria

nara

roesler



vista da exposição, galeria nara roesler | são paulo, 2017



vista da exposição, galeria nara roesler | são paulo, 2017



vista da exposição, galeria nara roesler | são paulo, 2017



vista da exposição, galeria nara roesler | são paulo, 2017



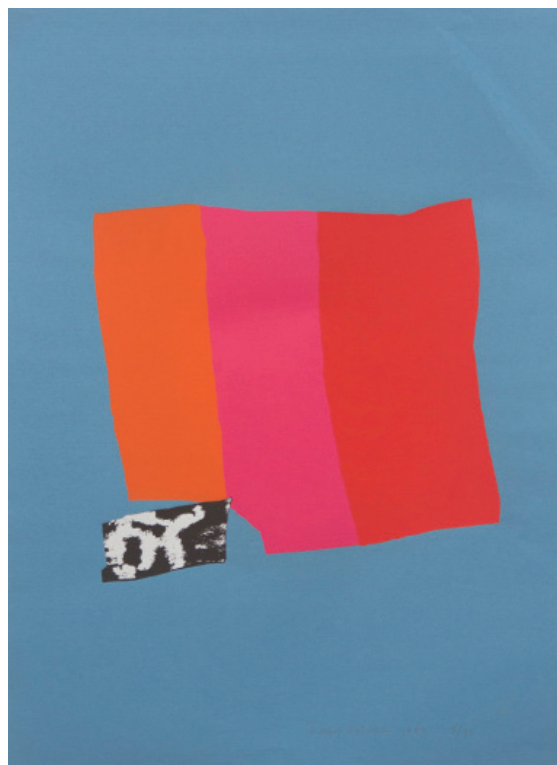
vista da exposição, galeria nara roesler | são paulo, 2017



vista da exposição, galeria nara roesler | são paulo, 2017



vista da exposição, galeria nara roesler | são paulo, 2017



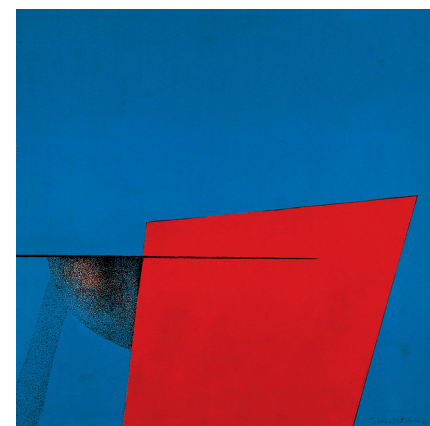
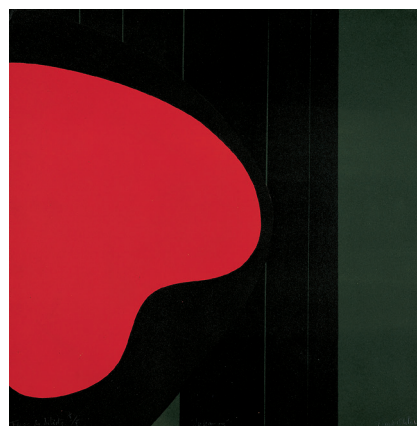
Sem Título, 1969
serigrafia sobre papel ed PA
66 cm x 48 cm

Sem Título, 1969
serigrafia sobre papel ed 8/35
66 cm x 48 cm

Sem Título, 1971
serigrafia sobre papel 1/50
65,5 x 47,5 cm

Sem Título, 1970
óleo sobre tela
60 x 73 cm





Sem Título, 1972
litogravura
50 cm x 50 cm

Sem Título, 1972
litogravura
50 cm x 50 cm

Sem Título, 1972
litogravura
50 cm x 50 cm

Sem Título, 1972
litogravura
50 cm x 50 cm

Sem Título, 1972
litogravura
50 cm x 50 cm

Sem Título, 1972
litogravura
50 cm x 50 cm



Sem Título, 1974
óleo sobre tela
100 x 100 cm



Sem Título, 1974
óleo sobre tela
100 x 100 cm



Sem Título, 1976
óleo sobre tela
100 x 100 cm

Sem Título, 1978
óleo sobre tela
100 x 100 cm





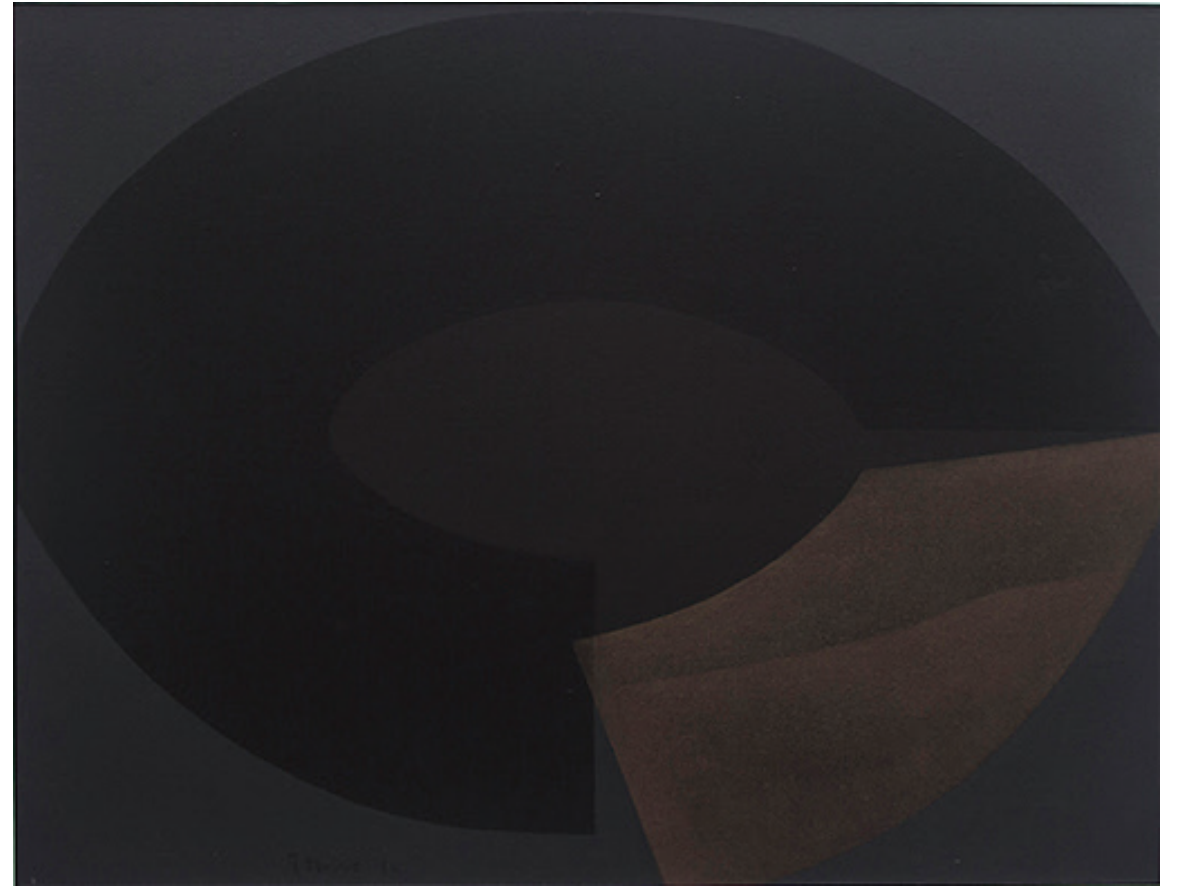
Sem Título, 1979
óleo sobre tela
100 x 100 cm

Sem Título, 1980
óleo sobre tela
100 x 100 cm





Sem Título, 1984
óleo sobre tela
150 x 150 cm



Sem Título, 1984
óleo sobre tela
100 x 130 cm



Sem Título, 1986
óleo sobre tela
150 x 150 cm

Tomie Ohtake: As cores nas pontas dos dedos

Paulo Miyada

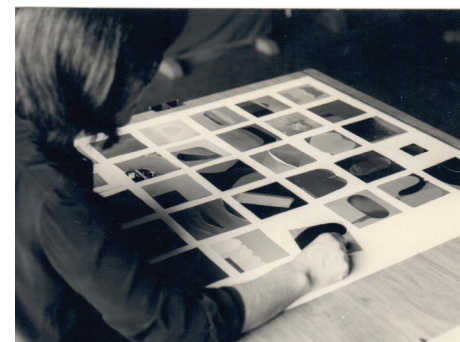
Na passagem das décadas de 1950 e 1960, a primeira incursão de Tomie Ohtake na pintura abstrata tornou-se conhecida pelo caráter “cego” de um informalismo feito com intensidade e sem premeditação, muitas vezes com pinceladas lançadas, literalmente, de olhos fechados.

Logo a seguir, ainda na primeira metade dos anos 1969, sua pintura condensou-se em formas mais claras, em composições de nítida distinção de figura e fundo. As figuras, no caso, assemelham-se a formas geométricas simples, porém de contornos tremeluzentes, como se rasgadas com a ponta dos dedos. O que pouca gente sabe é que isso não é mera similitude: nessa época a artista de fato começou a fazer estudos usando papéis coloridos retirados de revistas e rasgados à mão. Era uma forma de lidar com a instantaneidade do gesto e impregnar todo o processo de pintura com seu equilíbrio entre acaso e controle.

Os diminutos estudos de Tomie Ohtake são um recurso consistente e recorrente até meados da década de 1980. As composições encontradas serviam de roteiro para pinturas e gravuras que experimentavam diferentes escalas e combinações cromáticas. É como se a prancheta com papéis recortados fosse uma zona de mineração de formas e encontros de cores.

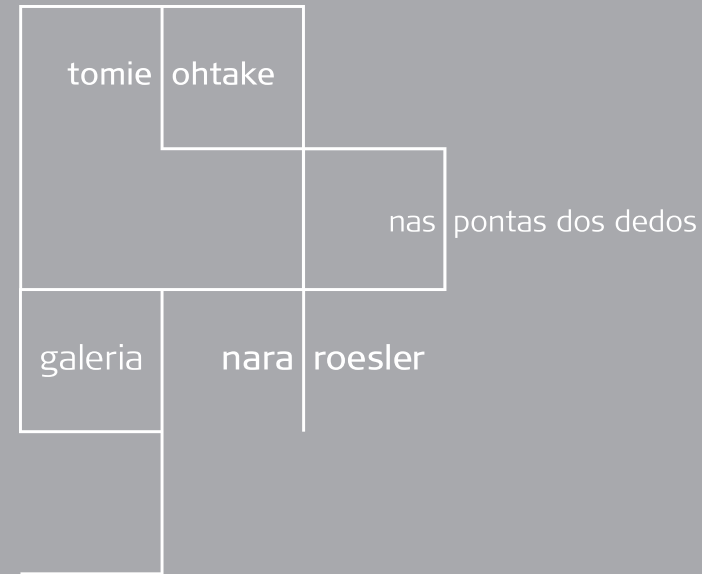
Na década de 1970, quando as pinturas começaram a lidar com formas de contornos mais nítidos, os estudos também se transformaram, pois a artista passou a utilizar a tesoura para cortar os papéis. As composições ficaram mais densas, o branco (a folha em branco) foi tomado por áreas de cor, as vezes sugerindo paisagens. As texturas da pintura, surpreendentemente, muitas vezes nascem na própria colagem, apropriadas de materiais fotográficos diversos. A paleta cromática também se expande, num corpo a corpo com o cromatismo de uma época que flertava com a psicodelia.

Prestar atenção nessa processualidade de Tomie Ohtake é ganhar acesso aos vínculos de sua pintura com o acaso, a gestualidade e a ousadia cromática. É também um caminho para pensá-la em uma chave distinta da polarização com os concretismos. É, por fim, um modo de lembrar o quão viva sua obra pode ser, quando vista por novas lentes.



Paulo Miyada (São Paulo, 1985) é curador e pesquisador de arte contemporânea. Possui mestrado em História da Arquitetura e Urbanismo pela FAU - USP, pela qual também é graduado. É curador do Instituto Tomie Ohtake, onde coordena o Núcleo de Pesquisa e Curadoria e curou mostras como "Aprendendo com Dorival Caymmi: Civilização Praieira" e "Leda Catunda – I love you baby" (2016). Também no Instituto Tomie Ohtake colaborou com diversas exposições, entre elas "Os muitos e o um" (2016), "Tomie Ohtake 100-101" (2015), "Nelson Felix: Verso" (2013) e o programa "Arte Atual" (desde 2013), além de co-coordenar o programa de cursos da Escola Entrópica, em que é professor. Foi assistente de curadoria da 29ª Bienal de São Paulo (2010) e integrou a equipe curatorial do Rumos Artes Visuais do Itaú Cultural (2011-2013) e da edição retrospectiva desse programa realizada em 2014. Foi curador das mostras coletivas "Toda janela é um projétil, é um projeto, é uma paisagem" (SIM Galeria, 2016), "A parte que não te pertence, Wiesbaden" (Kunsthaus Wiesbaden, 2014), "A parte que não te pertence, Madri" (Galeria Maisterravalbuena, 2014), "Boletim" (Galeria Millan, 2013), "É preciso confrontar as imagens vagas com os gestos claros" e "Em direto" (Oficina Cultural Oswald de Andrade, 2011 e 2012), entre outras. Foi curador adjunto do 34º Panorama da Arte Brasileira "Da pedra, da terra, daqui" (Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2015) e curador geral do projeto "Estou cá" (Sesc Belenzinho, 2016).

Tomie Ohtake (Kyoto, Japão, 1931 - São Paulo, Brasil, 2015) foi um dos principais artistas abstratos brasileiros, possuindo um instituto de arte, o Instituto Tomie Ohtake (São Paulo), fundado em sua homenagem. Sua carreira como artista começou aos 37 anos, quando se tornou membro do grupo Seibi, que reunia artistas de ascendência japonesa. Em 1957, a convite do crítico Mário Pedrosa, apresentou sua primeira exposição individual no Museu de Arte Moderna de São Paulo, sendo seguida quatro anos depois por sua participação na Bienal de São Paulo em 1961. Dedicando-se à arte na maturidade, Tomie Ohtake é reconhecida por suas pinturas abstratas, estampas e esculturas, através das quais explora cor, textura e forma com precisão e profundidade. Sua carreira começou com ênfase na pintura, investigando ricas e variadas justaposições de linhas, formas e passagens de cor e seus efeitos no espectador. Na década de 1970, incluiu a escultura em seu corpo de trabalho. Variando de formas delicadas e lineares para peças em grande escala, as esculturas são derivadas de suas pinturas, com formas e ecos tridimensionais de elementos presentes em suas telas. A produção de Ohtake é caracterizada tanto pela repetição metódica quanto pela experimentação ilimitada dos elementos fundamentais - cor, composição e forma - que compõem a abstração.



tomie ohtake: nas pontas dos dedos
galeria nara roesler | são paulo

abertura

12 de agosto - sab > 11h

talk com paulo miyada e bruno dunley

12 de agosto - sab > 11h30

exposição

14 de agosto - 30 de setembro, 2017
seg - sab > 10h - 18h

galeria@nararoesler.art
www.nararoesler.art

tomie ohtake é representada pela galeria nara roesler

são paulo - avenida europa 655 - jardim europa 01449-001 - são paulo sp brasil - t 55 (11) 2039 5454
rio de janeiro - rua redentor 241 - ipanema 22421-030 - rio de janeiro rj brasil - t 55 (21) 3591 0052
new york - 22 east 69th street 3r - new york ny usa 10021 - t 1 (212) 794 5038